

CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lourdes Maria Bragagnolo Frison ¹

Resumo

Este artigo intenciona refletir sobre as questões de gênero, sexualidade e corpo presentes nas práticas da educação infantil. Pretende-se colaborar com a reflexão e a formação dos professores em uma atuação mais significativa para todos os envolvidos na educação infantil.

Palavras- chave: sexualidade, educação infantil, proposta pedagógica.

1. Contextualizando a temática

Pensar sobre corpo, gênero e sexualidade das crianças não é prioridade entre os projetos pedagógicos da maioria das escolas de Educação Infantil. O modelo pedagógico busca trabalhar assuntos diversos, porém, geralmente, deixa este tema, que envolve a construção da identidade pessoal, para outras demandas. Muitos educadores continuam adotando práticas pedagógicas bastante tradicionais, por acreditarem que a aprendizagem se dá apenas através da transmissão de conhecimentos, conforme explicado pela epistemologia empirista. O modelo racionalista também não contribui para a ocorrência de modificações, pois acredita que não se pode responder aos propósitos de desenvolver e estimular nos alunos capacidades cognitivas.

Corpo, gênero e sexualidade estão presentes em todos os momentos e em todas as atividades e interações escolares e não-escolares, das crianças e influenciam fundamentalmente sua maneira de

¹ Doutora em Educação pela PUCRS e docente da UFPel. (lfison@terra.com.br) Rua Eng. Rodolfo Ahrons 285. 91530/320. Porto Alegre. RS. Telefone: (051) 99711408; (051) 33360521

viver, de ser, de se projetar no mundo. A sexualidade pode ser vista como “a base da curiosidade, a força que nos permite elaborar e ter idéias, bem como o desejo de ser amado e valorizado à medida que aprendemos a amar e a valorizar o outro” (BRITZMAN, 1998, p.162). A sexualidade manifesta-se através de atitudes, comportamentos, gestos, ultrapassa, portanto, a dimensão biológica, pois envolve emoção, afeto e imaginário. A sexualidade se expressa através do corpo, na subjetividade única de cada sujeito. Ela mostra sua dimensão existencial, quando pensada como direito individual, da ordem do íntimo, que envolve o sujeito em sua totalidade. Ela manifesta sua dimensão social, quando as peculiaridades adquiridas emergem da sociedade em que o sujeito está inserido.

No espaço escolar, na sala de aula, por exemplo, há crianças em condições de subordinação em relação aos professores, os quais assumem o papel de transmissores de um conhecimento legitimado. Assim, o corpo do aluno fica submisso a lugares e comportamentos pré-determinados, organizados pela dinâmica escolar. Seriam os “corpos dóceis, corpos submissos”, como enfatiza Foucault (1987, p. 118-119). Este autor (1977) destaca que a compreensão do caráter social da sexualidade é definida pelas elaborações histórica, política e contextual, explicadas pelas manifestações sociais e históricas, cujas formas e variações não podem ser identificadas sem que se examine e explique o contexto em que se formaram. A pessoa nasce com seu corpo definido (ser homem ou mulher; ser alto ou baixo, ser loiro ou moreno...), porém a sexualidade é aprendida, construída pelo próprio sujeito e, em grande parte, condicionada por sistemas de valores familiares, culturais e sociais vigentes. Estes valores são, muitas vezes, reforçados, reprimidos e normatizados por influências religiosas e morais e pelo que é divulgado por livros e histórias infantis, os quais submetem a criança a determinados modelos ideológicos que influem sobre sua expressão.

Na escola, na sala de aula, os alunos são submetidos a técnicas disciplinares, visando que eles tirem o máximo proveito das atividades escolares e das relações grupais. O disciplinamento atua diretamente na constituição do sujeito idealizado pela sociedade atual, bem como na transformação deste sujeito em algo pré-formatado, definido pela sociedade como “modelo

necessário e indispensável” (FOUCAULT, 2003). Sistemáticamente, é feito, na escola, o movimento de disciplinamento do aluno, através de horários, gestos, repreensões, discursos, omissões, atitudes; cobrança de tarefas, exercícios, ações que possam garantir a produção da disciplina. Aliás, a escola pensa que, através da disciplina, garante a aprendizagem. Em todo trabalho “educativo” desenvolvido pela escola, existem situações de repressão e omissões que, mesmo veladas, impõem as crianças valores e regras de convivência, atreladas a conceitos previamente determinados e explicitados no projeto pedagógico e no marco doutrinal.

A sexualidade tem sido descrita, compreendida, explicada, regulada, estudada, normatizada a partir de várias perspectivas e campos disciplinares. O educador é, de igual forma, fruto dessa educação repressora. Ela também marcou o caminho por ele percorrido. O educador, portanto, traz implícitas, em suas ações, as concepções de sua educação sexual e de sua vida pessoal. O educador é um sujeito sócio-cultural, um ator social de grande destaque no espaço escolar e desempenha papel crucial, principalmente no que diz respeito às interfaces corpo, gênero e sexualidade na educação. A Escola Infantil, sendo um espaço educativo, desempenha papel determinante na formação da criança, com vista a seu posicionamento e sua integração em uma sociedade em constante mudança, que se torna constantemente mais complexa, exigente e desigual.

Refletir sobre gênero, corpo e sexualidade, numa época de transição de valores como a atual, é bastante complexo. Pode-se encontrar na mesma escola ou na mesma família pessoas com argumentações totalmente diferentes sobre assuntos ligados à manifestação da sexualidade. Abordar o tema emergente da sexualidade constitui grande desafio aos educadores.

O assunto corpo, gênero e sexualidade vêm sendo divulgado abertamente pelos meios de comunicação, através de propagandas, *outdoor*, programas infantis, programas de auditório, filmes, novelas, revistas masculinas e femininas. É só acessar a televisão ou a Internet e, rapidamente, as crianças recebem os mais variados estímulos direcionadas às questões de sexo e de sexualidade. Não se pode negar, no entanto, que as crianças, embora recebam enorme quantidade de informações sobre o sexo, ainda apresentam uma compreensão equivocada sobre o assunto, porque muito pouco

é explicado, discutido. As cenas, imagens, propagandas que estão postas encarregam-se de tornar tudo muito explícito para a criança, porém sem oportunizar-lhes o conhecimento necessário. Pais e professores têm dúvidas sobre como agir, pois acreditam que, debatendo o assunto, podem influenciar a criança ou despertar curiosidades inoportunas. Um considerável grupo de educadores ainda acredita que a educação sexual, na escola, deve restringir-se a informações sobre fisiologia, anatomia, aparelho de reprodução e por isto ser de responsabilidade dos professores de Biologia.

As crianças convivem quotidianamente com cenas de sexo, seja em casa, seja na rua. Elas são motivadas à erotização precoce, através da imitação de comportamentos sugeridos por músicas e coreografias, que estimulam a sexualidade e a sensualidade. Os filmes infantis da Disney, embora considerados inocentes, trazem implícitas cenas, marcas “invisíveis”, que são absorvidas pelas crianças e influenciam, sua formação como sujeitos de gênero e de sexualidade. A construção da sexualidade se dá também por meio de artefatos culturais utilizados como estratégias e práticas educativas no contexto escolar.

Sabat (2008, p. 96) diz que, nos filmes infantis, “é possível observar, por exemplo, a repetição permanente de comportamentos considerados adequados aos diferentes gêneros”. A autora destaca que existe um processo permanente de construção das identidades vinculadas a “mecanismos de conduta socialmente adequados” e que a identidade não é formatada de uma só vez, sendo necessário um processo de repetição contínua, que vai ensinando a ser menino e menina (p.98-99). Gênero e sexualidade, assim como o corpo, parecem simplesmente terem sido colocados na escola, inscritos em determinada anatomia ou em uma interioridade psicológica inata, com uma identidade trazida da herança. As “marcas ou inclinações”, tidas como inatas e naturais, são “marcas construídas ou formatadas” pelo meio. As crianças, nas práticas escolares, encontram-se envoltas em redes de vigilância, controle e repressão (LOURO, 1999). Os filmes obedecem à lógica narrativa clássica que contém conflitos, romances com final feliz e estabelece diferenças entre ser masculino e feminino.

Nos filmes, as imagens falam dos papéis desempenhados pelos homens e mulheres. As imagens dos homens, normalmente, refletem autoridade, poder, domínio. As mulheres, quando desempenham papéis principais, não são consideradas mulheres comuns, mas rebeldes, diferentes, corajosas, diferenciando-se das demais. As crianças querem saber, discutir, trocar idéias e compreender o que viram nos filmes. Estão abertas a conversar, porque vivem a fase dos “por quê?” Estão descobrindo o mundo, descobrindo-se como homens ou mulheres, descobrindo-se masculinos ou femininos. Elas querem saber sobre as diferenças existentes entre si e os papéis que desempenham. Desejam encontrar, na escola e na família, o lugar em que, contemplados pelo afetivo, envolvidos pelo acolhimento de seus sentimentos e emoções, tenham respostas para suas perguntas, onde assuntos referentes a gênero e sexualidade sejam adequadamente tratados.

Depois de dez anos de definição dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) para o Ensino Fundamental, os quais atribuíram aos tópicos corpo, sexo, sexualidade a condição de tema transversal, estes assuntos continuam sendo pouco trabalhados pelos educadores nos diferentes níveis e modalidades de ensino. Nos PCNs está muito bem explicitado que trabalhar com sexualidade não se restringe a questões biológicas, mas envolve também as áreas psicológica, social e cultural.

2 Como trabalhar: possibilidades e desafios

A educação sexual tem início nos primeiros contatos da mãe com o bebê, na forma e na qualidade de sua relação com ele, ao dar-lhe carinho, amor e alimento, e no tempo que dispõe para isto. O ser humano, ao se desenvolver, recebe significativa influência da família, decorrente de orientações, informações, repressões, recomendações e carinhos.

Ao ingressar na escola, inicia a construção de vivências, de representações, participa de jogos, em que estão presentes corpo, gênero e sexualidade. O professor trabalha este assunto de forma implícita, quando manifesta suas crenças, suas atitudes, quando fortalece determinadas relações e reprime outras, quando constrói parcerias e faz vínculos afetivos.

Pereira (2008) salienta que em uma pesquisa feita no berçário de uma escola pública, uma educadora relata que está sempre atenta ao cotidiano do bebê e que a troca de fraldas é um contato íntimo, afetivo e muito produtivo. Através desse contato, do toque, das palavras, das mãos macias, da roupa limpa, do colo, a criança percebe se está sendo ou não amada, valorizada, desejada. Essas são experiências que marcam a existência do EU infantil, que está em formação e que vai se consolidando na interação com o outro.

A sexualidade desenvolve-se através de relações interpessoais: no jogo organizado pelo professor, na escuta de histórias infantis escolhidas e contadas para as crianças, nas atividades realizadas entre elas, por seu envolvimento em jogos e brincadeiras realizadas nos diferentes cantinhos ou salas ambientes. Nos grupos e nas brincadeiras entre colegas, surgem questões ligadas à sexualidade.

A criança pergunta, quer saber a explicação de muitas imagens que vê. Cabe ao professor perceber esses momentos e aproveitá-los para conversar com as crianças sobre o assunto. É importante distinguir o que pode ser feito ou dito imediatamente e o que pode ser melhor trabalhado depois, na rodinha ou em algum projeto. Tais atividades buscam estimular diferentes vivências e levar a criança a participar e compreender o que ela mesma perguntou e está vivendo.

O espaço para este trabalho requer um clima favorável ao desenvolvimento de atividades lúdicas, que ajude a criança a descontrair e sentir-se à vontade para agir com tranquilidade, fazer seus comentários, investigar o que quer saber. As intervenções dos adultos visam tornar o trabalho mais produtivo, estimular a criança a vivenciar e perceber os diferentes papéis que pode desempenhar (ser mãe, ser pai, cuidar de filhos, fazer comida, ser homem ou mulher na sociedade atual) e também compreender como estes papéis imbricam-se e como cada um pode ajudar o outro sem deixar de ser ele mesmo.

A dinâmica deste trabalho exige que o professor busque recursos, realize trabalhos mais lúdicos, pois apenas falar e falar não contempla a dimensão de aprender pela interação. Entre os recursos possíveis há filmes, em que aparecem personagens cujos papéis podem depois ser

discutidos; há livros de história infantis. Outra possibilidade é a realização de dinâmicas de grupo. Por exemplo, sugerir que as crianças desenhem, em papel pardo, um corpo infantil e depois colemb, no entorno desse corpo, imagens de revistas que contemplem as fases do desenvolvimento humano. Após, a colagem conversar e discutir sobre essas fases com as crianças, refletindo sobre os carinhos e afetos que percebem existirem nas diferentes fases do desenvolvimento humano. Ao contemplarem sentimentos, angústias, valores e crenças, o trabalho e o clima em que ele se realiza tornam-se construtivos.

As atividades e jogos realizados na escola infantil são importantes fontes de diálogo e aprendizagem sobre corpo, gênero e sexualidade. Mesmo que não usem linguagem explícita, a expressão e a comunicação emergem das experiências em que as crianças revelam o que sabem, o que não sabem e como lidam com as questões do corpo, gênero e sexualidade.

Conclusão

Para não se aterem à reprodução das desigualdades de gênero existentes na sociedade, advindas de concepções pautadas por equivocadas crenças e convicções sobre o que é ser masculino ou feminino, o professor é instado a pensar em atividades que promovam aprendizagens em relação a corpo, gênero e sexualidade na educação infantil. O desenvolvimento de tal processo requer:

- * romper com a acomodação e a alienação;
- * partir para a construção de projetos que contemplem a realidade de cada escola, a cultura contextual e as necessidades evidenciadas pelos alunos;
- * observar e propiciar espaço para questionamentos e dúvidas, considerando as inquietações das crianças;
- * criar alternativas e possibilidades para ampliar tanto conhecimentos sobre o corpo, gênero, sexualidade e como as relações afetivas;

* estar atento aos questionamentos, nem sempre explicitados pelas crianças, ajudando-as na busca de soluções;

* refletir sobre sua própria sexualidade, sobre seus valores, sonhos e desejos;

* ter claras as peculiaridades dos papéis femininos e masculinos, bem como o que é exigido de cada um, em decorrência de costumes e valores da sociedade;

* abrir espaços para análise de filmes, livros, revistas, imagens, de forma que as crianças possam fazer suas críticas e destacar possibilidades.

É fundamental que a abordagem da temática corpo, gênero e sexualidade seja feita de forma prazerosa e constitua projeto permanente no espaço escolar. Nos projetos trabalhar com atividades que envolvem jogos corporais e oportunizem o desenvolvimento da corporeidade, utilizando-se diferentes estratégias tais como imitar diferentes animais, rolar no chão, dançar conforme a música, fazer barulhos fortes ou fracos, carregar pacotes leves ou pesados, brincar de mímica, tocar no seu corpo e no corpo do outro, emitir diferentes sons, simular diferentes sentimentos, imitar bonecos de pau ou de pano, enfim envolver o corpo em todas as atividades que permitam o desenvolvimento harmonioso.

As atividades que envolvem corpo, gênero, sexualidade precisam ser inventada/reinventada todos os dias, de modo agradável, para fortalecer descobertas pessoais e grupais. A abordagem deste assunto oportunizará esclarecimentos e informações tão desejados pelas crianças da educação infantil. As perguntas e dúvidas das crianças serão respondidas por elas mesmas a partir da análise feita em conjunto com o professor.

Se a escola assim fizer, as crianças ficarão mais capacitadas para enfrentar os problemas relacionados a gênero, corpo, sexo e sexualidade desvelados em cada estágio de vida.

BODY, GENDER AND SEXUALITY IN EDUCATION CHILD

Abstract

This paper aims to think about genre, sexuality and body issues, which are observed in the childhood education practices. We intend to join forces with teacher's reflection and formation in a more significant to all ones engaged to childhood formation.

Key-words: sexuality, childhood formation, pedagogical proposal.

Referências

BRASIL, PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. *Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Temas Transversais*. v.10. MEC. Brasília. 1997

BRITZMAN, Deborah. Sexualidade e cidadania democrática. IN: SILVA, Luiz Heron. *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis, Vozes, 1998.p. 154-171.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*. Volume I. A vontade de saber. Tradução Maria Theresa da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. *A Ordem do Discurso*. 12ª edição. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Tradução Raquel Ramallete. 31ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PADRÃO REFERENCIAL DE CURRÍCULO: *Temas de Relevância Social, Ensino Fundamental*. 1ª versão, SEC, RS. Porto Alegre. 1997.

PERREIRA, G. A. Educação Infantil: a prática docente envolvendo o corpo, movimento e arte. In.: *Revista Ciências e Letras: Educação Infantil*. Porto Alegre: FAPA, n. 43, jan/jun./2008.

SBAT, R. Só as bem quietinhas vão casar. In: MEYER, D., SOARES, R. (Org). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2008.